

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 11, Ocultação Divina

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 11, Ocultação Divina.

Certo, agora vamos voltar nossa atenção para um problema filosófico que os teístas enfrentam e, incluindo especificamente os cristãos, que surgiu nas últimas duas décadas por meio do trabalho de um estudioso chamado Schellenberg, e esse é o problema da ocultação divina, que alguns consideram ser um aspecto do problema do mal, outros consideram ser um problema puramente epistemológico, e tem a ver apenas com o fato de que Deus não se tornou mais claro e sua existência óbvia para todos.

Isso não é um problema? E como reconciliamos esse fato com a crença de que também sustentamos que Deus quer que as pessoas saibam que ele é real? Então, Peter van Inwagen resume o problema da ocultação divina assim: se Deus existisse, então isso seria algo muito importante para nós, seres humanos, sabermos. Se Deus existisse, ele poderia fornecer sinais claros de sua existência. Portanto, se ele existisse, Deus forneceria sinais claros de sua existência.

No entanto, não há sinais tão inconfundíveis da existência de Deus. Portanto, há razão para duvidar que Deus exista. Então, como resolvemos esse problema? Assumindo que todas essas premissas estão corretas, é um argumento válido, e então enfrentamos, você sabe, um tipo de objeção à crença racional no teísmo aqui.

Van Inwagen observa que, mesmo na ausência do mal, pode haver um problema de ocultação divina. Você pode imaginar um mundo em que ninguém jamais cometeu pecados, nem males morais; não havia roubo, não havia mentira, e não havia estupro ou assassinato. Você pode imaginar também, naquele mundo, não há sofrimento, as pessoas não ficam fisicamente doentes, não há câncer, nem doenças cardíacas.

Na verdade, não há ferimentos físicos. Mesmo naquele mundo onde não há sofrimento e nem mal moral, ainda pode haver um problema de ocultação divina. E as pessoas estão se perguntando, sabe, como chegamos aqui? Embora muitos naquele contexto ainda acreditassem em Deus, ainda haveria outros que poderiam estar inseguros.

Então, o problema da ocultação divina parece ser distinto do problema do mal. Como Van Inwagen coloca, em um mundo que não tem nenhum sofrimento real, o problema da ocultação de Deus é um problema puramente epistemológico. Van

Inwagen rejeita a noção de que Deus não se importa com o porquê das pessoas virem a acreditar nele, que este é um ponto de ênfase para ele, e que isto é essencial para resolver este problema.

Deus se importa exatamente com como as pessoas passam a acreditar nele ou por que elas acreditam nele. E então, milagres onipresentes, como mensagens divinas constantes no céu ou algo assim, diz Van Inwagen, só levariam a uma crença nua em Deus, não a uma transformação pessoal. Deus está interessado em transformação pessoal significativa, e sua ocultação contribui para isso.

Isso torna tais transformações, ou a natureza de tais transformações, mais significativas do que seriam de outra forma. Outro estudioso que ponderou sobre essa questão é Michael Murray. Ele aplica uma teodiceia do livre-arbítrio à questão e pergunta: o que é necessário para o livre-arbítrio humano? Quando se trata de, você sabe, uma livre escolha ou aceitação de Deus e decisão de seguir a Deus, obedecê-lo e ter um relacionamento com Deus, quais são as condições necessárias para que possamos escolher e seguir a Deus livremente? Murray observa que há certas condições que precisam ser obtidas, como, especialmente, ou desculpe, há certas condições que não devem ser o caso, especialmente compulsão no contexto de uma ameaça, certo? Para que possamos escolher Deus livremente, não devemos ser compelidos a fazê-lo, como por um tipo de ameaça que é tão envolvente que realmente não podemos fazer outra coisa senão acreditar em Deus e segui-lo.

Então, isso levanta essa questão. O que constitui uma ameaça significativa? E há uma série de fatores que estão relacionados à significância da ameaça que Murray discute, e o que ele está interessado em fazer aqui é ver como Deus pode aliviar a ameaça do inferno, a ameaça de, você sabe, sofrimento intenso e punição para aqueles que não o seguem. Se ele puder aliviar essa ameaça, você sabe, para onde não seja tão significativa, então teremos mais liberdade para escolher Deus.

Não nos sentiremos assim, e não seremos tão compelidos. Então, aqui estão alguns fatores que estão relacionados à significância da ameaça que destacam algumas maneiras pelas quais Deus poderia potencialmente aliviar a significância da ameaça ou tornar a ameaça menos forte. Um tem a ver com o grau em que uma pessoa percebe as consequências da ameaça como prejudiciais a ela, e isso tem a ver apenas com a força da ameaça.

Outra é a iminência da ameaça, que é o grau em que uma pessoa espera que as consequências se sigam dadas certas condições. Murray observa três maneiras pelas quais podemos falar sobre a iminência da ameaça. Uma é a iminência da ameaça probabilística; quão provável é que as consequências se sigam se eu, você sabe, não me voltar para Deus? Iminência da ameaça temporal, quão cedo isso vai acontecer, você sabe, seguindo minha rejeição a Deus, e iminência da ameaça epistêmica, isso tem a ver com quão clara e inequívoca a ameaça é, e então, finalmente, há a

consideração da libertinagem do ameaçado, e isso tem a ver com o grau em que a pessoa ameaçada provavelmente desconsiderará seu próprio bem-estar.

Se uma pessoa realmente não se importa com seu próprio destino, então, você sabe, qualquer ameaça de sofrimento final não vai afetá-la tanto, então essa seria uma maneira de aliviar a ameaça, garantir que as pessoas realmente não se importem com seu destino final. Então, essas são variáveis diferentes que Murray discute que têm a ver com o significado da ameaça. Agora Murray conclui que o grau de compulsão em uma ameaça é diretamente proporcional à força e iminência da ameaça e inversamente proporcional à libertinagem do ameaçado.

Quanto maior a força da ameaça, mais iminente a ameaça, então o grau de compulsão é aumentado. Quanto mais devassa uma pessoa é, certo, menos ela se importa com seu bem-estar final, então quanto menos compulsão, mais ela se importa com seu bem-estar, então quanto maior a ameaça, menos ela se importa, menor a ameaça. Então, para que a liberdade humana seja possível diante da ameaça do inferno para uma vida perversa, essa ameaça deve ser mitigada de alguma forma, e então qual desses três fatores poderia ser mitigado para reduzir a significância da ameaça? Então, a força da ameaça é o que Deus escolheu para reduzir a significância da ameaça? Murray observa que não.

A condenação eterna, a ameaça da condenação eterna, é tão forte quanto uma ameaça pode ser, certo? Você pode ameaçar alguém de quem não gosta, sabe, com um processo, ou ameaçá-lo com, sabe, fisicamente, vou dar um soco no seu nariz, mas nenhum ser humano tem a capacidade de ameaçar alguém com a condenação eterna, mas Deus fez isso repetidamente nas escrituras, então Ele não escolheu esse caminho. E quanto à libertinagem dos ameaçados? Deus fez isso de tal forma que as pessoas realmente não se importam com seu bem-estar final? Não, nós nos importamos com nosso bem-estar final, e mesmo que Deus fizesse isso, seria irresponsável, pois a preocupação com o próprio ser, com o próprio bem-estar, é um bem e uma virtude. Então, e quanto à iminência da ameaça? Força ameaçada e libertinagem dos ameaçados, se Ele não as ajustou de tal forma que o significado da ameaça fosse reduzido, deve ter a ver com a iminência da ameaça.

E quanto à iminência de ameaça probabilística? Bem, não, está claro nas escrituras que o sofrimento no inferno é uma certeza para aqueles que são perversos e rejeitam a Deus. Isso definitivamente está claro nas escrituras, então não foi assim que Deus reduziu o significado da ameaça. E quanto ao significado da ameaça temporal? Murray observa que isso é um tanto relevante, já que pessoas que são desobedientes e perversas não são imediatamente lançadas no inferno.

Ainda há tempo, você ainda tem tempo, não sabemos quanto tempo. Isso meio que cria alguma incerteza aí em termos de quanto a ameaça é aliviada apenas por

considerações temporais. Mas como as pessoas não são imediatamente lançadas no inferno, isso atenua um pouco a ameaça.

Mas não tanto quanto esse terceiro fator, no qual Murray se concentra, é a maneira principal pela qual Deus reduz a significância da ameaça, e essa é a iminência da ameaça epistêmica. Esse é o meio pelo qual Deus, de acordo com Murray, reduz a compulsão da significância da ameaça. Deus torna a ameaça epistemicamente ambígua ao se esconder.

Então, esta é a conclusão do argumento de Murray aqui : a ocultação divina, ao que parece, serve a este propósito vital de preservar a liberdade humana de obedecer ou desobedecer. O fato de Deus estar oculto, ou pelo menos um pouco oculto, há uma certa ambiguidade sobre sua existência que reduz a ameaça de punição final no inferno o suficiente para que aqueles que escolhem Deus sejam capazes de fazê-lo mais livremente. Eles são menos compelidos precisamente porque Deus está oculto até certo ponto.

Então, é uma maneira interessante de olhar para isso. Quem conhece a mente de Deus, o que ele estava pensando, ou por que é o caso? Como o profeta Isaías diz, certamente você é um Deus que se esconde, a propósito. Vem direto da boca de um profeta do Antigo Testamento, concedendo a premissa de tudo isso, que Deus está oculto até certo ponto, talvez em um grau significativo.

Mas isso seria um benefício no que diz respeito a Murray. Isso reduz a significância da ameaça e, portanto, protege ou garante a liberdade humana na escolha de Deus. Agora, um acadêmico chamado Lovering ponderou sobre essa questão e criticou a abordagem de Murray aqui.

Ele diz que a abordagem de Murray falha, em última análise, e na verdade fornece bases para concluir que Deus não existe. E aqui está como o argumento de Lovering vai. Primeiro, ele resume o argumento de Murray.

Basicamente, está dizendo isso. Primeiro, temos a capacidade de desenvolver personagens moralmente significativos. Segundo, se Deus não está oculto, então não temos a capacidade de desenvolver personagens moralmente significativos porque seríamos compelidos a acreditar e agir como agimos.

Então, Deus deve estar escondido para tornar possível tal crescimento moral. Agora, Murray faz algumas suposições metaéticas importantes, de acordo com Lovering. Uma delas é que há uma relação correlativa entre moralidade e os mandamentos de Deus.

E dois, que o status moral das ações não é determinado pelo que os seres humanos acreditam. De acordo com Lovering, embora ser coagido seja uma maneira de perder

a capacidade de desenvolver um caráter moralmente significativo, não é a única maneira. Então, ele está concedendo que Murray está certo de que a coerção ou compulsão comprometeria nossa capacidade de desenvolver um bom caráter moral.

Mas há outras maneiras pelas quais isso pode acontecer, e se você adotar a abordagem de Murray, ele diz que um desses outros perigos a esse respeito emerge. Lovering diz que outra maneira pela qual você pode perder sua capacidade de desenvolver um caráter moralmente significativo é através do que ele chama de ignorância inculpável do status moral das ações. Se você é ignorante de uma forma não censurável sobre como você deve viver, então você não será capaz de desenvolver um caráter moralmente significativo.

Em outras palavras, escolher livremente entre ações boas e más é uma condição necessária, mas não suficiente, para desenvolver o caráter moral. Outra condição necessária é a intenção de escolher ações moralmente boas. E ninguém pode ter a intenção de fazer um ato bom se não sabe o que é o bem, certo? Então, você tem que saber o que é o bem.

O que Murray não consegue ver, de acordo com Lovering, é que uma pessoa não tem a capacidade de se desenvolver moralmente se ela for inculpavelmente ignorante sobre quais ações são certas e erradas. Porque a consciência do que é bom e mau é necessária para intenções morais. Mas se Deus está oculto, este é o ponto-chave: se Deus está oculto, então algumas pessoas vão justificadamente desistir da crença em Deus e, assim, se tornarão inculpavelmente ignorantes sobre o que é o bem.

Eles se tornarão niilistas morais. Então, toda essa ideia de ocultação divina então pega com uma mão e dá com a outra. Talvez, você sabe, vamos conceder que isso reduz a compulsão ao reduzir a significância da ameaça, mas então também tira um tipo de certeza ou confiança sobre o que é o bem moral.

Em outras palavras, as pessoas não serão capazes de ter a intenção de fazer boas ações porque não acreditarão que existam ações verdadeiramente boas e, portanto, não serão capazes de crescer moralmente. Então, Murray não pode ter as duas coisas, de acordo com Lovering. Lovering conclui que se Deus está oculto, então não temos a capacidade de desenvolver personagens moralmente significativos, e essa é uma perda horrível.

Assim, uma vez que tanto a ocultação de Deus quanto a não ocultação de Deus implicam que não podemos desenvolver caracteres moralmente significativos, então uma contradição com a primeira proposição de que podemos desenvolver caracteres moralmente significativos é inevitável. Então, Lovering conclui que Deus não existe. Isso realmente equivale a um tipo de argumento para o ateísmo.

Então, o que devemos dizer a esse argumento? Como Deus poderia garantir que as pessoas conheçam o bem moral sem se tornar tão claro e evidente que somos compelidos a escolhê-lo? Somos sobrecarregados pela realidade de Deus e, portanto, não temos nenhuma liberdade real para escolhê-lo. Como Deus poderia fazer isso? E há algo que Lovering ignora que eu acho que é realmente o calcanhar de Aquiles em seu argumento, e isso é basicamente a ideia da lei natural, que é um tema bem claro nas escrituras de que Deus escreveu no coração humano uma compreensão básica do certo e do errado, o que é o bem. Ele teceu isso no entendimento humano para que as pessoas basicamente entendam a diferença entre certo e errado, bom e mau.

Você nem precisa de uma revelação escrita de Deus para saber o certo e o errado básicos, a diferença entre virtude e vício, bem e mal, e bem e mal. Então, Lovering descarta isso. Ele considera isso brevemente, mas descarta isso muito apressadamente após considerar apenas uma versão dessa abordagem, que é receber revelação divina sobre a verdade moral por meio da ordem natural.

Mas, novamente, por que Deus não poderia, através da maneira como ele construiu a mente humana, construir em nosso sistema operacional, nossa estrutura cognitiva, um tipo de entendimento do certo e errado? Então é isso que eu chamaria, você sabe, eu acho que é uma visão bem direta e plausível aí. A possibilidade de que Deus deu a todas as pessoas uma consciência inata da verdade moral básica através da consciência ou da lei de Deus escrita no coração. Então, essa seria uma crítica que eu faria contra o argumento de Lovering. Então isso é um pouco sobre a ocultação divina.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 11, Ocultação Divina.